



BANCOS ADQUIRIDOS

Banco Eborense

O Banco Eborense foi criado em **Évora**, em **1 de Janeiro de 1875**, sucedendo à **Caixa de Crédito Eborense**, instituída em **13 de Julho de 1873**.

Com a reforma dos seus estatutos, procurou-se transformar a instituição num estabelecimento de maior vulto, capaz de promover o desenvolvimento e o progresso da agricultura, do comércio e da indústria, um objetivo que alguns dos seus maiores acionistas consideravam então de carácter temerário.

Logo em 1875, o Banco criou agências em **Borba, Cuba, Castelo Branco, Lagos, Portimão** e, mais tarde, na **Guarda**.

A base regional do banco é confirmada no seu corpo de acionistas nos finais da década de 1880: 292 eram naturais do Alentejo, sendo 236 do concelho de Évora. Os restantes, quase na sua totalidade, residiam em Lisboa.

Se é certo que a sazonalidade dos depósitos e levantamentos denunciam a forte dependência da atividade agrícola, devemos realçar que a atuação das direções do banco não se limitava a redistribuir capitais entre os grandes proprietários, lavradores e comerciantes, ou seja, a financiar o desenvolvimento da grande exploração capitalista alentejana. Na verdade, e concomitantemente, a instituição minimizava o risco das operações privadas de crédito e garantia remunerações seguras ao dinheiro imobilizado. Por tudo isto, o desconto de letras revelou ser a atividade mais lucrativa para o banco, logo seguido dos empréstimos em conta corrente.

Por outro lado, a observação da atividade bancária mostra à evidência que o banco estava mais direcionado para apoiar o universo dos grandes negócios, sobretudo os dos seus acionistas, do que para se comportar como um banco de fomento rural e industrial, ao serviço da satisfação das necessidades de crédito dos pequenos industriais, comerciantes e lavradores rendeiros da região.



A extrema dependência do banco da atividade agrícola ficou patente em 1884 quando, na sequência de maus anos agrícolas, viu muito limitada a entrada de capitais, e conseqüentemente, a procura de dinheiro, levando a direção do banco a ter de restringir as operações de desconto de letras.

Em 1903, os fundos flutuantes representavam apenas 7 contos, resultante de aplicações noutros bancos na praça de Lisboa e na Adegas Regionais do Alentejo.

Em 1913, esse valor ultrapassava os 122 contos e em 1918 atingia os 569 contos, sendo de realçar os títulos de empréstimo de guerra a Inglaterra, a França, à Argentina e ao Brasil, os títulos do Banco de Portugal, do Banco Nacional Ultramarino, da Companhia dos Tabacos e os de companhias coloniais (como o **Caminho de Ferro de Benguela**¹, em Angola e a **Companhia Colonial do Buzi**², em Moçambique)

Por isso, é na altura em que o banco mais dividendos distribuiu pelos seus acionistas que decidiu negociar a integração no **Banco Nacional Ultramarino**, recebendo cada acionista perto de 120 escudos por ação, num total de 11 mil ações.

O facto de o banco ter mantido sempre capitais próprios de valor reduzido, com conseqüências no tipo e na escala das suas operações, prendeu-se diretamente com os interesses dos seus maiores acionistas e com a sua vontade de manter a instituição sob o seu controlo.

A aposta na aquisição de títulos, considerados à partida mais seguros mas cujos resultados pareciam cada vez mais incertos com a evolução da I Guerra Mundial, acabou por levar os acionistas a optar por uma solução que lhes parecia razoável, a entrega da instituição ao Banco Nacional Ultramarino.

¹ Em 1899, o governo português iniciou a construção da ferrovia para dar acesso ao interior e às riquezas minerais do Congo Belga. Após a morte de Cecil Rhodes, em 1902, Robert Williams, um amigo de Rhodes, tomou conta da construção e completou a ligação a Luau, em 1929. A linha mostrou ser um sucesso, revelando-se muito rentável para as potências coloniais, especialmente como o caminho mais curto para transportar as riquezas mineiras do Sul do Congo para a Europa. Em 1931, o porto do Lobito recebeu por via-férrea o primeiro carregamento de cobre proveniente do Catanga. https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_do_Caminho_de_Ferro_de_Benguela

² Subconcessionária da Companhia de Moçambique, desde 1898, esta companhia administrou e explorou as terras da circunscrição do Búzi, onde exerceu atividade agrícola e industrial. Além da produção de açúcar, considerada a atividade mais significativa, esta empresa investiu igualmente noutras indústrias, como a da cal, da moagem, do fabrico de tijolo, da serração mecânica de madeiras, do álcool desidratado e ainda em sectores como o agrícola e a pecuária, desenvolvendo as culturas do algodão, do tabaco, da copra e do milho. <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=3682228>



O Banco Nacional Ultramarino - que detinha desde o início do século uma política de alargamento da sua rede de filiais e agências - não desprezava a aquisição de entidades bancárias locais e regionais, já que tal lhe permitia acabar com a concorrência e lhe possibilitava o fortalecimento das relações bancárias já existentes com os estabelecimentos comerciais das áreas geográficas onde exercia a sua atividade.

Esta realidade é comprovada no próprio relatório e contas de 1919 do Banco Nacional Ultramarino:

“ Nesta orientação caminhando, em Dependências próprias transformámos, em termos para ambas as partes de perfeita conveniência, as secções bancárias de muitas firmas da província que, no meio em que atuaram, disfrutavam de merecido conceito; outras, integralmente, no nosso Banco incorporámos e, finalmente, em nós fundimos, transformando-as em Dependências privadas, Organizações Bancárias Provinciais ou Locaes, que dispendo de interessantes possibilidades se ressentiam, porém, da limitada área fixada á sua acção”.

*Com o BANCO NACIONAL ULTRAMARINO, ou mais propriamente com as Dependências que instituimos e os vieram substituir, se acham, pois, hoje amalgamados, o **Banco Eborense**, o Banco Agrícola Industrial e Commercial de Villa Real, o Banco do Douro e o Banco de Bragança”.*

O arquivo histórico da Caixa Geral de Depósitos (fundo BNU) detém documentação relevante sobre a história do Banco Eborense, desde a sua criação em 1875 até 1919, ano da sua incorporação no Banco Nacional Ultramarino, destacando-se neste espólio documental **atas, balancetes, livros de contabilidade e relatórios da instituição.**

Miguel Costa

Gabinete de Património Histórico

Março de 2018

Bibliografia:

FARIA, Miguel F. de; MENDES, José Amado (Coords.), Dicionário de História Empresarial Portuguesa, Séculos XIX e XX. Vol.: I Instituições Bancárias. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013.

Relatório do Banco Nacional Ultramarino, de 1890 a 1919

Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos (fundo BNU)



GALERIA DE FOTOS



1 - Antiga sede do Banco Eborense. Filial do BNU a partir de 1920



2 - Antiga sede do Banco Eborense. Filial do BNU a partir de 1920.



3 - Interior da antiga sede do Banco Eboense. Filial do BNU a partir de 1920.